

PERSON, Luís Sérgio (São Paulo, 12.2.1936; São Paulo, 7.1.1976).

Diretor. Abandonou o curso de Direito da Universidade de São Paulo no último ano. Desde cedo, dividiu a sua paixão pelo cinema com o teatro. Fez parte de um grupo de jovens diretores que mantiveram experimentos com os dois meios em várias oportunidades. Da sua geração, Antunes Filho e Flávio Rangel, em momentos diferentes de suas trajetórias como diretores teatrais, também foram diretores de cinema. Antunes Filho foi o primeiro a trabalhar em dramaturgia televisiva, começando em 1955 na TV-Tupi. Em maio de 1956, Person adaptou a peça *De amor também se morre*, de Margareth Kennedy, para o Grande Teatro Três Leões, na mesma emissora. Em seguida, Flávio Rangel dirigiu *O profundo mar azul*, de Terence Rattigan, para o programa. A experiência de Person na TV-Record foi mais ampla, tendo atuado como ator no Grande Teatro Cacilda Becker. Ele foi o primeiro a filmar, sendo seguido por Flávio Rangel, com *Gimba*, e Antunes Filho, muito mais tarde, com *Compasso de espera*.

Em janeiro de 1956 dirigiu e lançou a revista *Sequência*, que estava dividida em duas seções: cinema, a cargo de Almeida Salles, e teatro, com Delmiro Gonçalves. Como um dos redatores, Person contava com Eduardo Coutinho. A publicação não passou do primeiro número.

Seus primeiros trabalhos em cinema se faziam em várias direções: diretor da comédia *Um marido para três mulheres*; adaptador e ator na chanchada *Casei-me com um Xavante*, de Alfredo Palácios; o roteiro de *A Lei dos fortes*, único filme do argentino Julio Robaccio realizado no Brasil. Estas experiências de inserção no mercado cinematográfico paulista se faziam de forma marginal às correntes principais do cinema de autor que estavam sendo desenvolvidas por Roberto Santos (*O grande momento*) ou Walter Hugo Khouri (*Estranho encontro*). O resultado, portanto, deveria ser altamente frustrante para o jovem Person. *Um marido para três mulheres* ficou inacabado por dez anos, sendo lançado somente em 1967, quando o produtor da Boca do Lixo, Renato Grecchi, filmou cenas adicionais ao material original, lançando a fita com o título de *Marido barra limpa*. *A Lei dos fortes* era uma paródia aos faroestes americanos, sendo rodada no interior de São Paulo. *Casei-me com um Xavante*, em que Person assinou a adaptação da peça teatral e trabalhou como ator, era uma comédia sem maiores pretensões além da produção rápida e o baixo orçamento. O elenco de películas nas quais se envolveu indica uma busca desorientada por caminhos diferentes, porém os resultados foram negativos. Person desilude-se do cinema e passa a trabalhar na indústria metalúrgica do avô (Person-Bouquet S.A.), atividade que lhe daria material para um retorno digno ao cinema.

Em 1961, deu uma nova virada na sua vida quando resolveu ir estudar cinema na Itália, no Centro Sperimentale de Cinematografia, em Roma. O cineasta Paulo César Saraceni estava voltando ao Brasil, abrindo a vaga para um novo estudante brasileiro. Como aluno realizou os documentários *L'ottimista sorridente* e *Palazzo Doria Pamphili* (sede da embaixada brasileira em Roma), e, em 1962, *Al ladro – cronaca urbana*, este último escolhido para representar o cinema italiano nos festivais de Veneza e Bilbao (Espanha). Trabalhou como assistente de Luigi Zampa em *Anni Ruggenti*, uma comédia com Nino Manfredi, lançada na Itália em janeiro de

1962, tendo como tema um ingênuo fascista. Voltou ao Brasil, em 1963, com o primeiro tratamento de *São Paulo S.A.*

São Paulo S.A., pronto desde o início de 1965, foi lançado somente no final do ano em São Paulo e no Rio de Janeiro. Um letreiro de advertência nos informa que os fatos narrados se passam na cidade entre 1957 e 1961, remetendo-se, por um lado, à indústria automobilística, e de outro, ao período em que o diretor ensaiava os seus primeiros e fracassados passos no cinema paulista, antes de viajar para a Itália. Sem se declarar filiado ao Cinema Novo, ele realizava um balanço, ao estilo dos personagens de Fellini ou Antonioni em *A doce vida* ou *A noite*, para discutir as suas angústias em relação à cidade, ao país e a si próprio como intelectual. Narrado quase todo o tempo em *flash-back* por meio de Carlos (Walmor Chagas estreando no cinema), Person vai descrevendo a ascensão profissional do personagem na indústria automobilística e, ao mesmo tempo, os relacionamentos amorosos com as três mulheres. A película começa com o abandono de Luciana (Eva Wilma), casada com Carlos, depois dos relacionamentos com Ana (Darlene Glória) e Hilda (Ana Esmeralda). Ana seria a mulher carnal, interessada no prazer, que não titubeia em deixar Carlos plantado no cais quando rapazes endinheirados a convidam para um passeio de lancha. Ana tem um lugar certo na galeria de mulheres pobres e ambiciosas da época, como as personagens de Odete Lara em *Noite vazia*, Rosana Ghessa em *Bebel, garota propaganda* ou Genevieve Grad em *Palácio dos anjos*. Hilda é a intelectual. Gosta de frequentar exposições (Carlos não sabe o significado da tela *Guernica*, de Picasso), lê Rimbaud e Vinícius de Moraes. Luciana faz o espelho limpo de Carlos: é a moça de classe média ambiciosa, cujo objetivo é a ascensão social. Entre as opções, Carlos escolhe Luciana, a quem conhece num curso de inglês e inicia um namoro tumultuado. Embora diga que se casou com ela porque estava cansado de escolher entre Ana e Hilda, a narrativa deixa claro que estas possibilidades não eram válidas (Ana se transforma num carbono feminino de Carlos, uma prostituta de luxo, e Hilda se suicida em uma de suas crises existenciais). Assim como a escolha entre as mulheres corrompe, o trabalho aparece como outra forma de corrupção. Carlos aproveita o crescimento da indústria automobilística para trabalhar como inspetor de produção. A função lhe permite aceitar peças de Arturo (Otelo Zeloni), um imigrante italiano que conhece as regras de sobrevivência: fabrica produtos de segunda categoria, pratica a corrupção, sua indústria tem trabalhadores explorados e sem direitos trabalhistas. Quando descobrem na multinacional a ligação de Arturo e Carlos, só lhe resta se transferir para a Auto-Peças Carraci S.A. (com Arturo, mergulha na decadência, ao mesmo tempo que ascende profissionalmente como braço direito do dono da fábrica). Carlos sabe agora que a ambigüidade em que vivia na multinacional, uma porta para a ascensão dentro das regras do capitalismo, ao mesmo tempo em que se permitia pequenas falcatruas, foi substituída pela ascensão à brasileira numa fábrica suja, irregular, onde imperam os golpes. Não sem razão, a ligação de Ana com Arturo, que será modelo para a nova campanha publicitária da fábrica, e a atitude de Luciana querendo que Carlos se torne sócio da empresa, saindo da condição de empregado, desencadeiam a crise existencial que fará com que ele busque um recomeço para a sua vida. A mulher carnal e a família se unem para que ele abandone a posição ambígua

que permitia a crítica dos métodos escusos de Arturo, assumindo de vez a corrupção do processo industrial brasileiro. A cena noturna de Luciana vestida como uma caçadora em busca do rastro do marido fugitivo é uma das mais belas do filme. Carlos sai de São Paulo, mas o acaso faz com que volte para recomeçar. Nas declarações que deu sobre o filme, Person procurou realçar o aspecto libertário do personagem principal, que se revolta contra os mecanismos de uma sociedade industrial perversa, que transforma o homem em engrenagem de um sistema corrompido. Carlos, dentro deste ponto de vista, seria um intelectual, bem ignorante, é verdade, como mostrou Hilda, angustiado por ter se deixado corromper, embora não se saiba muito sobre o seu ideal de vida. Como reflexão pessoal sobre a sua carreira anterior no cinema, a película funciona como um mea-culpa e uma catarse. Após *São Paulo S.A.* Person podia construir uma carreira como cineasta.

Em 1966, fundou com Glauco Mirko Laurelli a Lauper Filmes, que produziria os filmes seguintes dos dois cineastas, embora fosse uma firma que vivesse de filmes publicitários (ficou na empresa até 1971). Com a Lauper, envolveu-se também na criação de distribuidora independente em São Paulo, a Reunião dos Produtores Independentes – RPI, em associação com a carioca Servicine, de Iberê Cavalcanti. A distribuidora dedicou-se aos filmes de distribuição difícil, filmes de cineastas do Cinema Marginal, como os baianos *Meteorango Kid*, *herói intergalático* e *Caveira my friend*, ou dos próprios cineastas que as controlavam, sendo sustentada comercialmente pelo lote de fitas de Mazzaropi controlado por Laurelli. Foi professor da Escola de Cinema da Faculdade São Luís, que não chegou a formar uma turma completa, fechando antes disso. Na primeira e única turma teve como alunos os futuros cineastas Carlos Reichembach e Carlos Alberto Ebert. Reichembach foi incentivado por Person a filmar o documentário *Esta rua tão Augusta*, ajudando-o ainda na equipe técnica com profissionais ligados à Lauper Filmes como Laurelli e Osvaldo Sampaio.

O segundo filme, na perspectiva aberta com *São Paulo S. A.*, veio em 1967 com *O caso dos irmãos Naves*. Segundo o diretor declarou, ela era, mais do que a primeira, “um filme de encontro. A coerência consigo mesmo. Uma coesão íntima entre o que penso e a necessidade de transmiti-lo. Há muito tempo que estou cansado de uma problemática de sentimentos, de um cinema que por mais que contorne, cai sempre na ênfase amorosa.” Para discutir o cinema do presente, o diretor escolheu voltar ao passado, a Araguari, Minas Gerais, durante a ditadura varguista (1937-38). Baseando-se no livro do advogado dos irmãos Joaquim (Raul Cortez) e Sebastião Naves (Juca de Oliveira), presos, torturados e condenados por um crime que não cometeram - o roubo e morte de um sócio que, depois de 15 anos escondido, retorna à cidade. Anselmo Duarte faz o tenente da polícia que arranca as declarações de culpa dos irmãos por meio da tortura (não é o único: um coronel da polícia também se utiliza dela). Os cerca de cinco minutos de cenas de tortura incluídos na película, apresentados na forma de surras com paus, com o corpo dependurado (numa alusão ao processo de tortura conhecido como “pau-de-arara”), falsos fuzilamentos, e até a ameaça de morte de Antônia e a criança, com um soldado tentando jogar o bebê sobre a baioneta do tenente, são apresentados de forma paroxística, em contraste com a segura e as imagens compassadas da discussão do problema,

do julgamento e da indenização pelo erro judiciário, quase todas montadas com cenas fixas. Lançada em agosto de 1967, foi bafejada com o período de relativa liberdade de expressão ainda vigente. Depois do Ato Institucional no. 5 – AI-5, de dezembro de 1968, provavelmente teria problemas com a censura. O sentimento de opressão e a causa justa para se lutar acabavam com a ambigüidade de *São Paulo S.A.*. O projeto seguinte, o roteiro de *A hora dos ruminantes*, baseado no livro de José J. Veiga, continuaria a senda aberta pelos irmãos Naves. Situada também numa vila do interior, o projeto se apoiava numa história em que havia a opressão de uma população, agora de maneira metafórica, que acaba por vencer seus inimigos pela espera e a mansidão. Mas os tempos eram outros. Projeto abandonado, restou a Person o episódio A procissão dos mortos para a *Trilogia do terror*, ao lado de José Mojica Marins e Ozualdo Candeias. O fantasma de Che Guevara perpassa o episódio roteirizado por Person, com um grupo de guerrilheiros cadavéricos metralhando os espectadores.

Person, como outros intelectuais brasileiros do período, entrou em nova crise em 1968. *Panca de valente*, uma paródia aos faroestes italianos no estilo dos *spaghetti-westerns*, foi rodado no interior de São Paulo com Marlene França, Bibi Vogel e Francisco Martins nos papéis principais. É um filme inclassificável, com exceção da excelente trilha musical de Damiano Cozzela. Talvez a volta do seu passado com o reaparecimento e lançamento comercial de *Marido barra limpa* tenha contribuído para a crise. Não sem razão, João Batista de Andrade declarou que Person filmou *Panca de valente* em completa depressão. *Cassy Jones, o magnífico sedutor*, já realizado em cores, é uma comédia fracassada, apesar do ótimo elenco (a estreadora Sandra Bréa), e das locações no Rio de Janeiro. *Panca de valente* não resiste a uma única observação de 15 minutos e *Cassy Jones* é um sofrimento menos atroz. A história de Cassy Jones (Paulo José) é a de um anti-herói, um *don juan* cansado de conquistas e esgotado pela sedução descontrolada, agora insensível às mulheres. Na busca do vigor do passado, ele acaba encontrando Clara (Sandra Bréa), uma moça pura. Clara, depois de conquistada por Cassy Jones, faz com que ele caia no mesmo desgosto anterior. Mas, ela mudou: é atriz de uma trupe de teatro de revistas e não quer mais saber dele. Cassy reage ao desprezo e parte em busca da conquista da ex-mulher. Mesmo que levemos em conta a sua pretensão de uma comédia erótica lutando contra os princípios mecânicos da sexualidade banal empregada pela pornochanchada, como também tentou outro cineasta da mesma geração, o baiano Paulo Gil Soares com *Procura-se uma virgem*, a comédia é um fracasso.

Seu último filme foi um curta-metragem dedicado ao pintor Vicente do Rego Monteiro (1975), com o qual ganhou, postumamente, o prêmio de Melhor Curta-Metragem do XI Festival de Brasília.

O retorno ao teatro deu-se após *Cassy Jones*. Em associação com Glauco Mirko Laurelli, reformou e reinaugurou o antigo cine Saint-Tropez, da rua Augusta, com o nome de Auditório Augusta. Ali encenou *El grande de Coca-cola* (Ronald House); *Entre quatro paredes*, de Sartre; uma coletânea de textos de Bertolt Brecht (*Brecht segundo Brecht*) e *Orquestra de senhoritas* (adaptação de Jean Anouilh). O último texto sob a sua direção foi *Lição de anatomia*, do argentino Carlos Malhuz. Preparava, com o jornalista Ricardo Kotscho, o musical *Pegando fogo*, inspirado nas músicas

de carnaval da década de 1930. Mas seu grande desejo era montar *Trotsky no exílio*, de Peter Weiss. Os problemas com a censura impediram que o projeto fosse adiante.

Deixou um roteiro inédito escrito em parceria com Jean-Claude Bernardet, *SSS contra a Jovem Guarda*, que teria Jô Soares no papel principal.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

5 laudas, 2310 palavras, 11903 caracteres, 11 parágrafos, 189 linhas.

Filmografia: São Paulo S.A., O caso dos irmãos Naves, Marido barra limpa, Cassy Jones, o último sedutor.